

Carregada de história



Como seqüela da eleição das 7 Novas Maravilhas do Mundo, que em 7/7/2007 teve por palco o estádio da Luz em Lisboa, oportunamente mostrada nas páginas da *Índico*, vão agora ser escolhidas as 7 Maravilhas de Origem Portuguesa no Mundo. Os resultados serão conhecidos a 10 de Junho. Os monumentos elegíveis são 27 e nem todos eles correspondem aos qualificados pela UNESCO como Património da Humanidade. Estabelecida uma parceria com a Universidade de Coimbra, os seus historiadores constituíram a sua própria lista, incluindo alguns que ainda estão em vias de serem reconhecidos como Património da Humanidade por aquele organismo internacional. Outros, apesar de qualificados pela UNESCO, não mereceram o consenso daqueles historiadores.

Em África estão 9 dos seleccionados: o Forte de S. Sebastião na Ilha de Moçambique, as Ruínas de Quíloa na Tanzânia e o Forte de Jesus no Quênia, que foram já motivo de reportagens em anteriores edições da *Índico*; a fortificação de Mazagão (El Jadida) e a Fortaleza de Safi em Marrocos e a de São João da Mina no Gana, a Cidade Velha na ilha de Santiago em Cabo Verde, o Convento do Carmo em Luanda e Gorgora Nova em Dambíá, na Etiópia. A completar a lista, 8 estão situados na América do Sul e 10 na Ásia. No Brasil, os Mosteiros de São Francisco em Salvador da Baía, de São Bento no Rio de Janeiro e de São Bento em Olinda, a Igreja de São Francisco de Assis em Ouro Preto, o Santuário do Bom Jesus de Matosinhos em Congonhas do Campo, a Fortaleza Príncipe da Beira na Rondônia e o Convento de São Francisco em Recife. No Uruguai, o Bairro Histórico da Colónia do Sacramento. Na Índia, a Igreja de Bom Jesus e a Catedral, ambas em Goa e também já mostradas na *Índico*, e as cidades de Baçaim e Damão Grande, mais a Fortaleza de Diu em Gujarat. Na Malásia, o Centro Histórico de Malaca. Na China, as Ruínas de São Paulo em Macau. No Barém, a Fortaleza de Qal'at al Bahrein. No Irão, a Fortaleza de Ormuz, E em Omã, a fortificação de Mascate.

Frente a Dakar, no Senegal, a ilha de Goreia é um monumento qualificado pela UNESCO como Património da Humanidade de origem portuguesa. Mas os historiadores consultados não a consideraram. Para a revista *Índico*, Goreia seria uma das escolhas. Em texto de **João Carlos Costa** e fotos de **Artur Ferreira** apresentamo-la aos nossos leitores.



As populações locais chamam-lhe Ber. Os portugueses apelidaram-na de Ilha da Palma. Depois vieram os holandeses, baptizando-a de Goreia. Uns dizem que a designação se ficou a dever à ilha holandesa de Goeree, outros à junção das palavras Goede Reede (bom porto), nome a preceito para a baía com vista para Dacar, a cidade capital do Senegal, que fica do outro lado do azul do oceano, a uma distância de apenas três quilómetros.

Só uma coisa é certa: estamos perante um muito pequeno pedaço de terra, que cresce das águas do Atlântico! Apenas 900 por 300 metros, a dimensão de uma pequena exploração agrícola.

Isso não impede Goreia de ter

uma história rica, ainda que nem sempre feliz.

Fica a ideia de que os fenícios lá terão tocado nos primeiros séculos do novo calendário. Registos fidedignos só existem da descoberta pelo navegador português Bartolomeu Dias, que aí aportou em 1444. Os portugueses ficaram até ao século XVII, altura em que chegaram os holandeses. Seguiram-se os britânicos, que voltaram a perder o território para os soldados dos Países Baixos. Estes entregaram-no ao domínio francês durante a expansão marítima no tempo de Colbert. O Tratado de Amiens, de 1802, fixou definitivamente a ilha como território gaulês e assim se manteve até à independência do Senegal, em 1960.

Muito do desenvolvimento de Goreia é devido aos franceses que aqui erigiram, por exemplo, a primeira escola e a primeira empresa gráfica da África Francesa. Goreia chegou mesmo a ser uma das quatro comunas africanas que elegia deputados para a Assembleia Nacional, em Paris. Foram ainda os franceses que criaram o Jardim Botânico, ou a Igreja de St. Charles, ao melhor estilo provençal.

Já o castelo ficou a dever-se aos flamengos, que o construíram no Século XVII. Durante anos foi residência do governador, tendo ficado na história recente após o bombardeamento pelas forças aliadas durante a II Grande Guerra, em 1940, num dos primeiros actos da

aviação da então França Livre, comandada por De Gaulle desde Londres.

O passado da ilha de Goreia esteve sempre ligado ao tráfego marítimo. Por aqui passaram muitos navios, durante os séculos XVI a XIX, a caminho das descobertas, e depois no tráfego de mercadorias. E muitos outros carregados de escravos, pois a ilha foi durante séculos um dos principais entrepostos dessa miséria humana: homens e mulheres destinados a ser vendidos em vários destinos das Américas.

O facto da ilha ser pequena facilitava o controlo dos escravos em cativo e estes sabiam que cair no mar, tentando a fuga com uma bola de ferro de cinco

A magia de Goreia

Da avenida marginal que sai do porto de Dacar, e vai passando por tantos dos espaços turísticos da capital senegalesa, vê-se Goreia ali bem perto. A pequena ilha seduz à distância, e quem conhece a sua história antes de lá chegar sente uma atracção mágica por um espaço que mantém a história viva no jeito de ser das pessoas, nos monumentos seculares e nos diversos moradores que narram, como se o discurso estivesse gravado num aparelho escondido algures, tudo o que essa pequena ilha viveu. Minha primeira visita a Goreia foi de puro encantamento. As pequenas ruas, os edifícios seculares, as buganvílias e flamboyants, de tal forma arrumados neste pequeno espaço que ele parece, aos olhos do descobridor, um cenário à espera de um realizador qualquer. A acrescentar, o jeito de ser da população da ilha, que se move num ritmo mais lento que no restante do país, como se estivesse a representar um roteiro qualquer.

É verdade que a ilha tem lá os seus recursos para atrair os turistas. Uma esplanada na única praia local, que além de abrigar o porto é o espaço onde o turista, sobretudo o francês, tenta ganhar nem que seja um pouco do dourado de África. Mas isso não é suficiente para quebrar a magia da ilha, onde a história chega aos nossos ouvidos soprada pela brisa do mar. Não bastando para os ilhéus ter toda essa história e essa cultura vivas em todo o seu pequeno território, a população de Goreia ainda produz um artesanato simples mas belo, cujas marcas podemos ver no caminho que nos leva do aglomerado populacional à antiga fortaleza, a qual no passado procurava proteger esse cobiçado espaço dos numerosos ataques dos piratas que se multiplicavam por esta região do Atlântico. Devido à existência da fortaleza, ou por outras razões, o certo é que Goreia resistiu, oferecendo-se discretamente a quem chega. O prazer de percorrer o seu território é tamanho que, infelizmente, o visitante acaba por deixar para segundo plano a história principal que a ilha nos quer contar, dos tempos em que a costa africana era pilhada das suas gentes que serviam para incrementar o negócio escravagista.

Marilene Pereira



quilos mais as grillhetas amarradas ao corpo, significava morte certa nas águas profundas do Atlântico.

Ainda hoje o forte, conhecido como a Casa dos Escravos e construído pelos holandeses em 1776, domina a paisagem arquitectónica da ilha. Por aí passaram muitos daqueles que fizeram desse comércio uma das vergonhas da humanidade. Comércio que os portugueses iniciaram por volta de 1536, motivando depois mil e uma escaramuças pelo seu controlo com os holandeses, britânicos e franceses, até que estes últimos colocaram oficialmente um ponto final na escravatura em 1848.

Há quem afirme que ao longo desses três séculos mais de 20 milhões de escravos passaram pela ilha. E muitos deles pelas pequenas celas da Casa dos Escravos onde só se entrava rastejando por uma pequena abertura. Em grupos de 30, fechados num espaço de pouco mais de dois metros quadrados, nus com a excepção de uma pequena peça de pano à cintura, eram muitos os que sucumbiam logo ali. A comida estava limitada a uma parca refeição diária. E as doenças, muitas delas desconhecidas das populações indígenas, proliferavam a um ritmo devastador. Os bebés eram separados

das mães. Os revoltosos eram encarcerados em celas ainda mais pequenas, muitas vezes molhadas com água salgada para aumentar a desidratação. Poucos resistiam.

Enquanto isso, nos salões nobres da parte superior do edifício, os traficantes davam festas de arromba, num contraste maquiavélico.

O pior era mesmo o dia do embarque, a caminho das Américas. Tempo para um último olhar ao continente que os viu nascer e onde jamais regressariam.

O tráfico de escravos ainda hoje motiva muita polémica. Por exemplo, a participação dos missionários católicos. O Papa João Paulo II não deixou de o admitir quando visitou a ilha em 1992 e pediu perdão a Deus pelo comportamento condenável de alguns dos seus antepassados ao serviço da igreja.

Em 1978 a UNESCO classificou Goreia como Património Mundial. Hoje, pouco mais de mil almas aí vivem. Goreia é agora um dos locais mais calmos do mundo, onde não há carros nem criminalidade, e onde os turistas tendem a ter uma atitude mais de acordo com um lugar de culto do que um destino turístico. Partamos então à descoberta de Goreia, passo a passo, palmo a palmo. ■

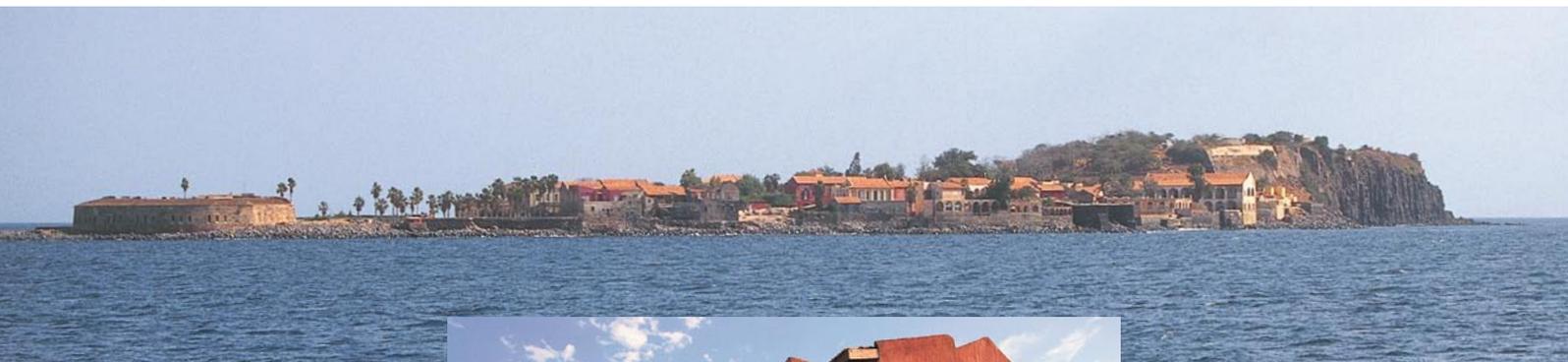


Loaded with history

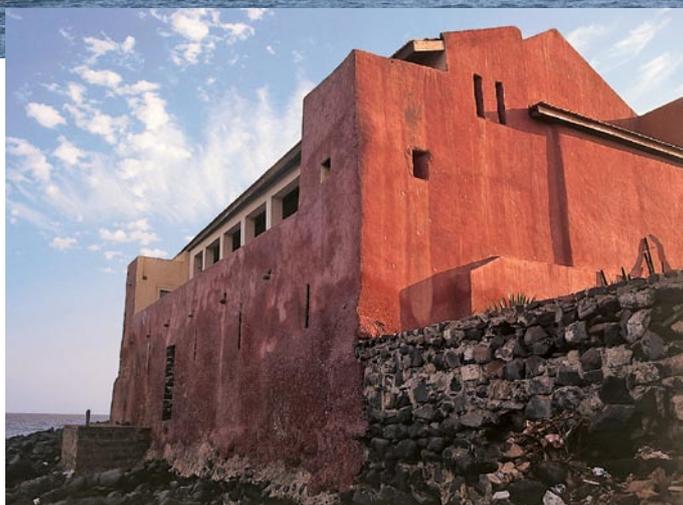
Following the choice of the New Seven Wonders of the World that took place on 7/7/2007 at the Luz Stadium in Lisbon, opportunely shown on the pages of *Índico*, the Seven Wonders of the World of Portuguese Origin will now be chosen. The results will be known on June 10. There are 27 monuments to choose from and not all of them correspond to those classified by UNESCO as World Heritage Sites. A partnership was established with the University of Coimbra, whose historians made their own list of sites, including some that are yet to be recognised as World Heritage Sites by the international organisation. Others, despite having been classified by UNESCO, did not merit the agreement of these historians.

Nine of those selected are in Africa: the Fort of São Sebastião on the Island of Mozambique, the Kilwa Ruins in Tanzania and Fort Jesus in Kenya, which we already wrote about in past issues of *Índico*; the fortification of Mazagão (El Jadida) and the Fortresses of Safi, in Morocco, and São João da Mina in Ghana, Cidade Velha on the island of Santiago in Cape Verde, the Carmo Convent in Luanda, and Gorgora Nova in Dambia, Ethiopia. Completing this list, eight sites are situated in South America and ten in Asia. In Brazil, the Monasteries of São Francisco in Salvador da Bahia, of São Bento in Rio de Janeiro and of São Bento in Olinda, the Church of St. Francis of Assisi in Ouro Preto, the Sanctuary of Bom Jesus de Matosinhos in Congonhas do Campo, the Príncipe da Beira Fortress in Rondônia, and the Convent of São Francisco in Recife. In Uruguay, the Historical Quarter of the Sacramento Colony. In India, the Church of Good Jesus and the Cathedral, both situated in Goa and also already shown in *Índico*, the cities of Bassein and Moti Daman, and the Fortress of Diu in Gujarat. In Malaysia, the Historical Centre of Malacca. In China, the Ruins of St. Paul's in Macau. In Bahrain, the Fort of Qal'at al Bahrain. In Iran, the Fort of Hormoz. And in Oman, the fortification of Muscat.

Facing Dakar in Senegal, Gorée Island is a monument classified by UNESCO as a World Heritage Site of Portuguese origin. However, the consulted historians did not include Gorée on the list of 27 eligible Wonders. For *Índico* Magazine, Gorée would be one of the choices. We present the island to our readers with a text by **João Carlos Costa** and photographs by **Artur Ferreira**.



The locals called it Ber. The Portuguese, Ilha da Palma (Palm Island). Then came the Dutch who called it Goree. Some say the name derives from the Dutch island of Goeree, others that it's the junction of the words Good Reed, a most appropriate designation for a bay overlooking Dakar, Senegal's capital city situated on the other side of the blue ocean,



a mere 3km away. One thing is for sure, we have a very small piece of land, that rises from the depths of the Atlantic, only 900 x 300m, the size of a small farm.

This doesn't however stop Goree from having a rich history, even if not always a fortunate one.

It is thought that the Phoenicians touched these shores in the early part of the new calendar,

Magical Goree

The road that borders the coastline and starts at the port of Dakar, which crosses one of many tourist spots in the Senegalese capital, offers us a clear view of Goree. From a distance, the island is captivating. And for those who are already familiar with its history, there is a magical element that attracts them to a place that maintains its history alive through its people, the secular monuments, and the narratives of the many residents who tell its story as if it were coming from a hidden recording. My first visit to Goree was truly enchanting. The narrow streets, the secular buildings, the bougainvilles and flamboyants tucked away neatly in this small space, that to an onlooker could be mistaken for a scene straight out of a movie set. To add to this is the people's way of being, moving to a slower rhythm to that of the rest of the country, as if representing some kind of itinerary.

It is true that the island has its resources to attract tourists, like an esplanade on the only local beach which aside from sheltering the port is where tourists, especially the French, try to work on a somewhat tan a l'Afrique. But that still doesn't take away the magic of the island where the history, found everywhere in the island, the most symbolic place being the Maison des Esclaves, is also whispered to us by the sea breeze.

But all that history and lively culture implanted across their small territory isn't enough for the islanders. And so, the population of Goree also produces simple, but beautiful craftwork. Samples of which are found on the pathway from the village to the old fortress, which was once meant to protect the much sought-after location from the many pirate attacks, which flourished along this region of the Atlantic. Whether it was the fortress, or something else, what is certain is that Goree resisted, discretely there for those who seek it. The pleasure in discovering the island is such that, unfortunately, the visitor ends up placing secondary importance on the island's main story line, one which tells of a time when the African coastline was overflowing with its people who were there to cater for the slave trading business.

Marilene Pereira

though only credible records of the Portuguese navigator, Bartholomeu Dias' discovery, who docked here in 1444, exist. The Portuguese stayed until the 17th Century when the Dutch arrived. The British followed, losing the territory again to Dutch soldiers. They handed the island to French dominion during the maritime expansion of Colbert's time. The Amiens Treaty of 1802 defined the island as French territory once and for all, remaining so until Senegal's independence in 1960. A great part of Goree's development is due to the French who erected for instance, the first school and first printing house in French Africa. Goree was even at one stage, one of the 4 African communes to elect diplomats for the National Assembly in Paris.

The French also built the Botanical Gardens and St Charles Church, in true Provence style. The Flemish built the castle in the 17th Century. For years, it served as the Governor's house going down in recent history for its bombing by allied forces during WWII in 1940, in one of the first actions taken by the then Free France forces, commanded by De Gaulle, in London.

The past of Goree was always tied to sea trading. Many ships sailed past between the 16th and the 19th Centuries, during the Great Discoveries era and then for

sea trade. And many more were packed with slaves, for centuries the Island of Goree being one of the main crossroads for that human misery: men and women destined to be sold to various parts in the Americas.

The small size of the island aided in the control of slaves in captivity, who in turn knew that trying to run out to sea with a 5kg ball chain tied to their feet plus the shackles to their bodies meant sure death in the Atlantic.

Today still, the fort, known as the House of Slaves and built by the Dutch in 1776, takes over the island's architectonic landscape. Many involved in this form of trade, one of humanity's big shames, passed through here. A trade the Portuguese started circa 1537, and later a cause for endless skirmishes for its control between the Dutch, British and French, until the latter finally put an end to slavery in 1848.

According to some, during those 3 centuries over 20 million slaves passed through the island. Many stayed in the small cells of the House of Slaves, the only entrance being a small opening through which they needed to crawl. In groups of 30, enclosed in an area no bigger than 2sq meters, naked except for a small loincloth around their waists, many perished there and then.

Food was limited to a measly daily ration and diseases that were mostly foreign to the indigenous population proliferated at a devastating rate. Babies were separated from their mothers. The rebellious were locked up in even smaller cells, often wet with salt water to increase dehydration. Few resisted. In contrast, in the nobles' salons in the top part of the building, the traffickers held massive parties, a Machiavellian contrast.

The worst thing was the day they embarked, headed to the Americas. Time for one last look at the continent they grew up in and would never again return to.

The trafficking of slaves is still a topic of great controversy nowadays. For example the role of the Catholic missionaries. Pope John Paul II couldn't deny their participation. When visiting the island in 1992 he asked God for forgiveness for the deplorable behaviour of some of his predecessors at the service of the Church.

In 1978 UNESCO classified Goree a World Heritage site. Nowadays, the population is just over 1000. Goree is now one of the calmest places on earth, you will find no cars...nor crime, and tourists try to behave more as being in a place of cult than a tourist holiday destination. Let's head off in discovery of Goree, step by step, inch by inch. ■

